

A razão do universo
romance

Felix Richter

a Gigi

Título: A razão do Universo

Autor: Felix Richter

Revisão: Luiz Sérgio Charles

Ilustração de Capa: Cláudio Parreiras

Agradecimento especial: Luiz Sérgio Charles

1 Edição, Rio de Janeiro, 2015

copyright: Felix Richter - todos os direitos reservados

Editora: Céu Azul de Copacabana Editora Ltda.

www.colorfotos.com.br

firma@colorfotos.com.br

Impressão: Geográfica

Esta é uma obra de ficção. Os personagens e as situações desta obra não fazem referência a ocorrências e a fatos, sendo qualquer semelhança com a realidade uma mera coincidência.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Richter, Felix

A razão do universo / Felix Richter. - -

Rio de Janeiro : Céu Azul de Copacabana, 2015.

ISBN: 978-85-8746-733-1

1. Ficção brasileira I. Título.

15-08135

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

Há algo que você nunca contou para ninguém. Um segredo que você aperta, que você abraça, que você segura em cada suspiro, palavra, gesto e em cada pensamento. Um segredo tão secreto que mesmo você só o conhece pela metade. Preste atenção, este segredo é quem você é. Deixe-o ir pelo mundo e vá junto. Descubra-se.

A última recordação de antes da neblina é estar deitado sozinho na cama do motel. Lembra-se nitidamente de detalhes do quarto, do teto pintado com temas renascentistas, das sancas de gesso, das paredes forradas com veludo vermelho, das luzes foscas, do piso de mármore, da cama de madeira talhada, da porta para o banheiro entreaberta, de duas toalhas no chão, de uma garrafa de champanha pela metade, as taças que absurdo de plástico, de um pacote de preservativos sem uso; recorda-se da porta de saída transmitindo a impressão de que foi lacrada, sensação causada pela força com que Josephine a bateu. De outros detalhes as lembranças lhe fogem; não se recorda, por exemplo, da cor do piso, contradição no mecanismo da mente, como pôde reparar no material do piso sem gravar ao menos a tonalidade. Também não saberia dizer se havia dois lençóis na cama ou se ele e Josephine dividiram o mesmo lençol nos instantes que antecederam a discussão. Lembra-se de Josephine nua e levemente arrepiada com parte das pernas cobertas por um lençol, sem lembrar se aquele era o mesmo lençol que a ele cobria o corpo todo. Recorda que sentiu um aperto na alma, mas não soube recuar nas convicções; quando ela insistiu no objeto da discórdia ele se manteve firme, e Josephine bateu furiosa a porta após se vestir às pressas.

Então a neblina.

As derradeiras recordações em ordem cronológica são a imagem da porta cerrada, o girar dos olhos até o teto sobre a cama, uma sensação de culpa, algumas memórias confusas da infância e nada mais. De um instante para o outro Teo se percebeu num bote de madeira. Sentado sobre o banco central de costas para a proa não en-

xergava um palmo além do bote, pois uma neblina densa, cinza e melosa rodeava a embarcação. O silêncio era absoluto na ausência de ventos, correntezas e de ondas. Antes mesmo de contestar a impossível transposição do motel para um barco na neblina, Teo quis descobrir se o bote estava na água ou em terra firme. Mexeu-se para o lado, o pequeno barco oscilou, e Teo ouviu o som de água no casco. Ergueu-se. Gritou alô bem alto repetidas vezes sem obter resposta ou eco. Uma pontada de medo lhe beliscou o coração. Desequilíbrio-se, tropeçou no banco, caiu para trás e chocou o dorso contra o fundo do bote; a dor da pancada descartou a hipótese de que estivesse sonhando. Tenso, empurrou-se de volta ao banco e respirou fundo na tentativa de afastar o pânico. Chamou outras vezes alô, alô, alô, mas apenas o silêncio respondeu. Como é que fora parar naquele bote? Concentrava fixamente a memória nos instantes que antecederam a misteriosa transposição, ele na cama do motel. Não se recordava de uma tontura ou de qualquer outro anúncio da misteriosa passagem para o que parecia ser outro lugar no planeta. Estaria sob o efeito de alguma droga? Ele não se drogara, talvez Josephine lançasse um comprimido na taça de champanha, mas logo descartou essa possibilidade, Josephine tinha horror a drogas, sem contar que Teo conhecia o efeito de alucinógenos e naquele instante no bote não se julgava drogado. A única certeza era portanto a de que estava num momento longe dos sonhos e das alucinações. Avistou um par de remos, nunca havia remado, mas lembrou-se de uma dezena de filmes em que há indivíduos remando, sempre de costas para a proa, jamais compreendeu o porquê de um remador não olhar para

a frente, considerava estranho o ato de se locomover às cegas, porém decidiu fazer o mesmo. Encaixou os remos em duas forquilhas nas laterais do bote e remou, de início desajeitado, aos poucos com a mínima habilidade necessária para levar o barco adiante. Talvez algum fenômeno natural extremo, pensou, quem sabe um grave terremoto, o tivesse lançado para fora do motel e para dentro do barco, e o choque do evento repentino lhe tivesse apagado a memória do fenômeno. Ocorreu-lhe que não havia qualquer rio lago lagoa ou mar nas proximidades do motel, assim seria necessário que tivesse sido lançado para muito longe, alguns tantos quilômetros na melhor das hipóteses, o que eliminava a teoria do fenômeno natural, pois Teo se teria ferido no suposto lançamento, o que não sucedera. Os remos empurravam o bote, e o barulho de água no casco do barco confirmava o deslocamento. Talvez estivesse morto... Essa hipótese precisava ser considerada. Poderia ter sofrido um mal súbito e agora estivesse no pós-morte. Pensou alguns minutos nesta possibilidade e a descartou por não se sentir em outra forma existencial. O corpo era o mesmo, trajava a mesma calça jeans comprida, que, por sorte, pensou, não desvestiu enquanto despiu Josephine senão estaria nu agora. A dor da pancada contra o fundo do barco também contradizia qualquer definição da morte que ele já ouvira. Teo respirava normalmente, sentia sede e fome. Mantidas as sensações físicas e as funções fisiológicas dos vivos estava vivo, ao certo, concluiu.

Remou sem saber por quanto tempo. O cinza da neblina escureceu, provavelmente o anúncio do anoitecer, e trouxe a Teo um medo infantil, aquele pavor de

criança trancada num quarto escuro que transforma armários em monstros. O que está acontecendo, perguntou a si mesmo, primeiro no berro interno da mente, mas logo o desespero correu também à língua e dali a pouco berrava aos quatro cantos, para cima e para baixo, usando de palavrões, suplicando pela volta à normalidade, pelo retorno ao motel “já sei, isso é por causa de Josephine, é meu castigo, errei com ela, juro, vou consertar meu erro”, mas no íntimo sabia que as palavras não surtiriam efeito caso a transposição para o bote fosse punição, pois o arrependimento precisa ser sincero e não imposto pelo pavor do castigo.

Antes que escurecesse por completo surgiu uma nova e tímida fonte de luz, provavelmente a Lua, concluiu Teo, pois o luzir opaco prateava a neblina em contraste às sombras no fundo do barco. Pela primeira vez desde o instante em que Teo se achou na pequena embarcação a neblina recuou alguns metros, e foi possível enxergar um rastro de água negra na popa do bote. Teo desconfiou de que a água fosse negra independentemente da escuridão, mas entendeu que impressões e sensações se faziam ainda mais subjetivas do que já o são por natureza. Por ter sofrido uma mutação de realidade julgou impossível analisar o universo de maneira neutra. Nem mesmo as sensações básicas como sede, fome e cansaço deveriam ser consideradas, pois a confusão do ocorrido poderia tanto ter atenuado quanto extrapolado os sinais emitidos pelo organismo à mente. Assim, quando a sede crescente lhe ameaçou fechar a garganta Teo não cogitou de beber da estranha água que o cercava. Mas caso não alcançasse lugar algum nas próximas horas ou dias? O medo surgiu

de sobressalto, temeu morrer de sede ou de fome, e o pânico se instalou na mente. As remadas, antes relativamente coordenadas, passaram a atrapalhados gestos desmedidos. No objetivo de levar o barco adiante com maior velocidade, atingiu o resultado oposto, e a embarcação parou de se locomover. Exaurido, largou os remos e chorou de medo, como fazem as crianças escondidas sob o cobertor, cercadas por bruxas, monstros e por dragões. Notou então bolhas de ar que subiam das profundezas à superfície da água, próximas à popa da embarcação. As bolhas se intensificaram até surgir uma enorme cabeça de crocodilo com olhos reluzentes, encarando-o sem piscar. Teo não conseguiu atribuir um tamanho exato à cabeça, pois se encontrava parcialmente submersa, via somente os olhos e a ponta do focinho, mas o pavor fez que a cabeça do crocodilo se agigantasse às proporções da embarcação, e Teo concluiu que o réptil era grande o suficiente para devorá-lo com barco e tudo. O crocodilo avançou na direção do bote e chocou o focinho contra a popa. O impacto desequilibrou Teo novamente e o derubou para trás, desta vez sem que sentisse a pancada nas costas. O crocodilo insistiu na investida e atingiu repetidamente a traseira do barco.

Teo permaneceu no fundo do bote, imóvel exceto por tremer de medo, os olhos virados para o alto, fixados na neblina, focados no vazio. Já não havia lágrimas na face, apenas um olhar perplexo perdido na imensidão. Os ataques do crocodilo ao bote ouviam-se como tambores pesados e sombrios. A mente de Teo se esvaziou, os tremores de medo cessaram, e um pálido Teo inexpressivo aparentava estar morto. As investidas do crocodilo

se intensificaram, e o barco apenas não virou, pois os remos apoiados no espelho da água traziam estabilidade à embarcação. No olhar desfocado de Teo se formou uma imagem, de início um contorno quase imperceptível, que aos poucos tomou a forma de uma árvore. A árvore era peça da infância de Teo. De tronco e galhos grossos não carregava uma única folha e ficava no centro de um terreno baldio próximo à casa de campo em que Teo passava o recesso escolar com a família. Todas as tardes durante o período de férias, exceto em caso de uma gripe ou de um passeio prolongado, Teo a escalava até o topo para ver o fim do dia. Conversava com a árvore como se fossem amigos, e amigos eram. Tratavam de diversos assuntos, por hábito de questões existenciais, mas houve dia em que conversaram sobre futebol, quando Teo desabafou a frustração de ver seu time perder uma final de campeonato. O crocodilo trombou com toda a força, o barco chacoalhou por inteiro, Teo voou para o alto e caiu de volta no bote com um dos braços pendurados perigosamente ao alcance do réptil feroz. A imagem da árvore permaneceu intacta, mas a neblina deixou transparecer a lua cheia e branca no alto do céu. Naquele instante Teo lembrou-se de um pensamento que dissera à árvore certo dia em que se notara preso na mesmice do mundo, como o pedreiro que todo santo dia retorna à pedreira: Existem pessoas que nunca vão e estão sempre chegando, outras sempre vão e nunca chegam, e há aquelas abençoadas que vão e que chegam, como se o ir, o vir, o partir e o chegar fossem uma essência indivisível, um ato único que as palavras insistem em separar. Teo retornou um pouco a si, o suficiente para puxar o braço de volta ao barco.

A imagem da árvore se descompôs. A neblina tornou a ocultar a lua, e da repentina mudança cenográfica restou apenas a memória da frase da infância. O crocodilo ainda teimava em atacar a embarcação, mas Teo o ignorou, pois fixara a atenção em desvendar que tipo de pessoa ele se tornara na vida adulta, o sujeito que vai e não chega ou o sujeito que chega sem ter ido. Descartou desde início a possibilidade de ser ele alguém a desfrutar do ir e vir num ato único e contínuo. Concluiu, com a frustração inevitável de quem se descobre dividido, que ele sempre estava preocupado em chegar, ansioso por estar em todos os lugares sucessiva e seguidamente ao mesmo tempo, preocupado em desfrutar das melhores festas, em participar de todos os eventos, em conquistar o maior número possível de mulheres, e assim jamais ia a lugar algum. Entrava numa festa para ver e ser visto e após meia hora partia para a próxima. Comparecia numa única noite a três ou a mais eventos. Conversava com uma amiga aqui, uma desconhecida ali, beijava uma já pensando na próxima conquista e assim, excluindo-se Josephine, nunca se envolvera com mulher alguma. Ponderou que há uma diferença substancial entre chegar sem ir e ir sem chegar. O sujeito que, ao contrário dele, vai sem chegar a lugar algum é o tipo indeciso que muda de rumo de forma inconsequente antes de alcançar objetivo ou porto. Teo sabia exatamente onde queria estar, em todos os lugares ao mesmo tempo, mas não vivia a caminhada, pulando de porto em porto sem se dar conta de que navegar é parte inerente ao ancoradouro. Puxou-se de volta ao banco e fitou o crocodilo, que já não lhe parecia tão grande assim. Desencaixou um dos remos e, num movimento rápido,

deu-lhe uma pancada na cabeça. O crocodilo atacou o barco com um último golpe feroz e submergiu. Teo reposicionou o remo e tornou a remar, o coração ainda palpitante de medo, mas o pânico sob controle. Empurrou-se adiante pela água negra e sempre que surgiam bolhas que pudessem anunciar o retorno do crocodilo apressava as remadas sem sucumbir ao desespero.

Combinaram o encontro no motel, e Teo estava atrasado como de costume. Josephine escolheu a suíte de sempre, o recepcionista lhe entregou as chaves, ela estacionou o carro na garagem privativa e subiu por uma escada estreita de veludo roxo, iluminada por pingos de luz na altura dos tornozelos, até o quarto. Abriu a porta, fixou o olhar na cama que tantas vezes compartilharam e achou que as boas memórias produzidas naquele colchão talvez fossem ilusórias. Entrou e trancou a porta. Sentou-se ao pé da cama e passou as pontas dos dedos no lençol, que não lhe transmitiu afeto. Abaixou-se e descalçou as sapatilhas. Sentiu os pés rígidos, embora macios e delicados. Notou uma unha do pé quebradiça, andou até o banheiro e encontrou uma lixa para repará-la. Viu-se abatida no espelho sobre a pia, abriu uma das torneiras no intento de lavar o rosto, mas se esqueceu do propósito enquanto a água gelada lhe escorria pelas mãos. Fechou a torneira. Pensou em se despir para recepcionar Teo nua, descartou a ideia, retornou à cama e se deitou de costas, encarando a pintura de teto no estilo renascentista, que considerou de estética discutível. Tudo naquele quarto lhe sugeria gosto duvidoso, o chão de mármore cinza, o veludo vermelho das paredes, as sancas de gesso e a cama de madeira entalhada, imitando mobília antiga.

Josephine marcara o encontro no motel para conversar com Teo sem correr o risco de ser interrompida por alguns dos tantos conhecidos do amado. Na última tentativa de falar do assunto, alguns dias antes no adorável restaurante Charlô, dois amigos de Teo, de passagem, se juntaram ao casal e não moveram pé até a hora de pagar a conta. Gente sem noção, pensou Josephine, e não

houvera cara feia que os movesse dali. Teo também tinha uma grande parcela de culpa, bem que poderia ter dito aos amigos que se tratava de um encontro a dois. Sempre a mesma história com Teo, os amigos os amigos os amigos, só depois Josephine. Por que fora se apaixonar por Teo? Ah claro, lembrou, foram as horas de passeio no jet-ski.

Josephine conferiu o relógio de pulso, Teo estava meia-hora atrasado. Era de ouro e muito delicado, o relógio, um dos poucos presentes que Teo lhe dera ao longo do relacionamento. Entregara-o numa caixinha, e Josephine chegara a sonhar por breves segundos que havia um anel na caixa, coisa de qualquer mulher apaixonada. Lembrou-se do episódio e riu, esperar um anel de noivado poucos meses após o primeiro beijo também é exagero. Hoje em dia sim, pensou, poderia esperar um anel, e do riso fez-se a tristeza, um pedido de noivado estava ainda mais distante. Josephine chorou. As imagens renascentistas se derreteram em abstrações através das lágrimas, memórias se infiltraram no confuso desfoque e deixaram Josephine de coração apertado. Por alguns instantes ela se esqueceu de Teo. Viajou à adolescência, quando tantos e tantos meninos a maltratavam. Fora um período horrível, concluiu. Magricela, desajeitada, quebradiça, desengonçada, maljeitosa e comprida eram alguns dos adjetivos que lhe atribuíam nos tempos de escola. Não tivera um único namorado naqueles tempos, e nas festinhas ninguém se interessava em beijá-la. Depois tudo mudou, ao menos na aparência. Josephine transformou-se numa jovem mulher encantadora assediada e desejada por homens de todas as idades. Além de uma

beleza divertida e diferente das que se veem nas mulheres padronizadas pelos mandamentos estéticos, trazia um brilho sincero no olhar e um sorriso que conquistava qualquer coração. Josephine era uma mulher autêntica e sem máscaras, sofria porém de uma insegurança crônica. Embora tivesse a consciência de que se tornara atraente, convivia nas relações afetivas com o medo de ser rejeitada, receio persistente da difícil adolescência. Tal insegurança a tornava submissa nas relações e também no corriqueiro convívio social. Evitava sugerir um restaurante para almoçar com as amigas e acatava sugestões mesmo que não as aprovasse, o que por sua vez raramente ocorria, pois Josephine era uma pessoa de essência descomplicada, que por índole se divertia em todo tipo de programa. Josephine não se importava em ser submissa, pois de temperamento fácil seguia de bom grado as vontades de amigos e de parceiros. Entendia porém que por sempre concordar terminava subjugada, pois a ausência de um mínimo de imposição ameaça a harmonia do respeito mútuo. Os três namorados que tivera antes de Teo a desmereceram em algum momento da relação, e os romances desandaram. Agora o relacionamento com Teo perigava romper pelo mesmo motivo, e consciente de sua parcela de culpa Josephine se esforçava para impor-se no assunto da viagem.

O interfone tocou. O recepcionista anunciou Teo, e Josephine autorizou a entrada. Desligou, correu ao banheiro e agora sim lavou o rosto, voltou ao quarto, destrancou a porta e se jogou casualmente sobre a cama. Longos minutos se passaram, e nada de Teo bater à porta para que ela pudesse responder, fingindo casualidade

e sono, está aberta. Interfonou para a recepção, o atendente afirmou que Teo estacionara o carro na garagem privativa com acesso à suíte quinze minutos antes. Que fazia ele sozinho na garagem? Josephine colou a orelha na porta de entrada e ouviu Teo rindo. Lentamente, abriu a porta e o encontrou de costas, sentado na escada, ao celular. Teo percebeu o movimento, virou-se para Josephine e fez um sinal com a mão para que ela não o interrompesse. Desejou esganá-lo, mas esperou pacientemente, enquanto ele combinava algum programa com alguém que, para Josephine, pouco importava quem seria. Teo se ergueu subiu a escada passou por Josephine e continuou a conversa no quarto. O assunto era uma festa de final de ano numa casa de praia, com uma primeira lista de convidados excessiva, e deliberavam quem poderia ser excluído. Josephine tornou a se deitar na cama, desta vez sem perceber os temas renascentistas, tampouco chorou nem teve pensamentos de revolta ou de angústia, a mente se esvaziara na exaustão de se decepcionar segundo após segundo um pouco a mais com o relacionamento. Haviam combinado de passar o final de ano juntos em Paris, participar das feirinhas de Natal, abrigar-se do frio nos bistrôs, tomar vinho à noite no quarto aquecido, enquanto com um pouco de sorte a neve caíria silenciosa sobre a cidade, trazendo aquela sensação de aconchego que só as noites de inverno sabem despertar. Um beijo na testa “oi, desculpe, deixei você esperar por muito tempo?” Josephine sorriu “só um pouquinho.” Beijaram-se, Teo a despiu com ânsia, enquanto braços e pernas se enroscaram entre desejos e desilusão. Josephine não queria sexo naquele instante. Com as emoções mergulhadas nas

questões a resolver com Teo estava excessivamente tensa para entregar-se ao parceiro. Ele arrancou a própria camisa e ameaçou abrir o zíper, quando ela delicadamente pressionou as duas mãos contra o abdômen dele “vamos tomar alguma coisa antes?” Teo encarou Josephine incrédulo, quase perplexo, aquela mesma expressão que os homens repetem sempre que têm desejo e elas não, como se tal dissintonia fosse um equívoco absurdo da natureza.

Teo deixou-se cair para o lado, encarou o teto e julgou interessantes e bem executados os desenhos com temas renascentistas. Não que os considerasse de qualidade próxima a qualquer obra de época, mas dentro da proposta de recriar um ambiente histórico num motel achou a pintura válida e com execução qualificada. Josephine, com receio de tê-lo decepcionado, apertou a mão de Teo num ato que visava desculpar-se carinhosamente pela falha. Teo retribuiu o aperto impacientemente, ergueu-se, andou até o frigobar e abriu o champanha. Viu o par de taças de plástico, não considerou utilizá-las, examinou o quarto e não encontrou taças de vidro. Absurdo, um estabelecimento se dispor a servir champanha em taças de plástico, pensou. Tomou um gole do gargalo e ofereceu a garrafa a Josephine, ela quis as taças “mas são de plástico!” “melhor que beber do gargalo, pelo menos dá pra fazer um brinde.” Contrariado, Teo serviu as duas taças e entregou uma a Josephine. Ela sugeriu um brinde, a nós, mas ele estava com a cabeça longe, os pensamentos mergulhados na festa de final de ano, e não lhe deu ouvidos. Ela repetiu o brinde erguendo o copo de forma exagerada, Teo percebeu o gesto e o retribuiu. Josephine se arriscou “sabe lá no Charlô, logo depois que nós brin-

damos com vinho branco, eu quis falar um assunto sério com você, mas seus amigos interromperam.” Teo a encarou por alguns segundos com desconforto, adivinhara o assunto, ela queria falar sobre a viagem, falar não, persuadi-lo a desistir. Por isso marcara o encontro no motel, concluiu, e ele caíra na armadilha “não brindamos com vinho branco, foi vinho tinto” ele retrucou “claro que não, foi vinho branco” Josephine insistiu. Teo ponderou por alguns segundos, pensava que haviam brindado com vinho tinto, mas deixou o assunto interrompido; já que sexo estava descartado, preferiu se livrar o quanto antes da desgastante conversa. Deitou-se na cama ao lado de Josephine. Um repentino calafrio fez que Teo puxasse o lençol para si e deixasse Josephine parcialmente descoberta. Ela ignorou o movimento, não estava com frio ou se estava não o percebeu. Teo fez-se de desentendido “então, sobre o que você quer conversar?” Josephine respirou “eu não queria que você fosse na viagem” “que viagem?” “você sabe, Teo, a viagem de barco com seus amigos” “como assim? não tem como desmarcar, já comprei até a passagem prá Itália, o pessoal tá contando comigo” “Teo, você vai numa viagem de iate com quatro amigos solteiros e um monte de mulher solteira, isso não tá certo, e o nosso relacionamento, como fica? tente se colocar no meu lugar” “Josephine, eu tenho minha vida, meus amigos, sempre deixei isso muito claro pra você, não quero um relacionamento chato em que tudo tem que ser feito em casal.” Josephine ficou com ódio “como assim? você acha chato viajar comigo?” Teo se incomodou com a conclusão de Josephine “não foi o que eu disse, você tá distorcendo minhas palavras, eu disse que também quero

ter um tempo com meus amigos.” “não dá pra combinar os dois? por que eu não posso ir nessa viagem?” “porque eles me convidaram na última hora, alguém desistiu e eu vou preencher essa vaga, não foi um convite prum casal, só tinha mais uma cama livre no iate.” “ninguém convida alguém que tá num relacionamento sério pra viajar sozinho com um bando de solteiras!” “pera aí, Josephine, elas são as minhas amigas, vão a Sandra, a Júlia e mais algumas” “aposto que foi uma delas quem armou para que eu não fosse junto, alguma que deve tá querendo te afastar de mim!” “agora você tá sendo irracional, não tenho paciência pra ciúme bobo.” “ciúme bobo? você vai se isolar no mar com um bando de mulher solteira e eu estou de ciúme bobo? dá um tempo, Teo, toda vez é isso; você sai sozinho à noite, volta às sete da manhã, e eu tenho que ser a chata ciumenta. você vive arrumando desculpas para não me levar pros seus programas, principalmente quando tem outras mulheres” “uma coisa não tem nada a ver com a outra” “como não, Teo? como não tem a ver? parece que você tem duas vidas, uma comigo e outra com seus amigos” “você também nunca fez questão de se enturmar com meus amigos” e quando Teo disse essa última frase ele soube no mesmo instante que passara dos limites. Ela quis cuspir marimbondos, mas a voz lhe faltou num misto de raiva e de decepção, a nuca enrijeceu e o rosto se contraiu feroz e magoado. Teo a observou de rabo de olho e notou uma grande mudança em Josephine, descobriu uma inédita amargura na face da parceira, noites geladas, caminhos tortuosos, a transformação de sonhos em vivência. Sentiu-se mal, mas não soube como recuar. Para Teo a vida era uma festa eterna,

e o amor, esse estranho sentimento que ele conhecia mas não sabia abraçar, atrapalhava a diversão. Acreditava que o amor precisava ser podado, caso contrário se apropriaria de cada detalhe da existência, e Teo acabaria de mãos dadas, de casa para o cinema, do cinema para o restaurante, do restaurante para casa. Teo amava festas, desfiles de moda, salões de automóveis, feiras de tecnologia, viajar o mundo como os jetsetters, num dia esquiar em Courchevel, noutra jantar no Nino em Roma. Os amigos de Teo possuíam de jatos particulares a casas de férias nos mais exclusivos balneários do planeta, assim ele participava da intensa roda-viva daqueles que respiram o luxo e o prazer. Josephine não se encaixava no modo de vida de Teo, pois amigos festeiros não apreciam a companhia de casais, casais são tediosos, principalmente um casal em que uma das partes é Josephine, que recusa drogas, gosta de dormir cedo para aproveitar o dia seguinte, dispensa roupas de grife e desconhece a bolsa do momento, não bebe além da conta e que em hipótese alguma se deita com alguém exceto com o namorado. O que Teo não concebia era que se encantara justamente por uma mulher assim, moderada, e que o sentimento por Josephine deveria lhe dizer algo a respeito dele próprio. “então, Teo?” “então o quê, Josephine?” “você vai desistir da viagem?” “claro que não, essa hipótese não existe!” Josephine levantou-se irritada “quer saber, se é isso que você deseja, então vá, vá e aproveite, é só nisso que você pensa mesmo, eu desisto!” Apressada, Josephine se vestiu. Sem olhar para trás deixou o quarto e bateu a porta com toda a força que os braços lhe permitiram.

Você leu os dois primeiros capítulos do livro a Razão do Universo. Você poderá comprar o livro completo na maioria das livrarias do país. Veja em nosso site onde comprar online:

colorfotos.com.br/a-razao-do-universo.htm

Obrigado.